

REY PUENTE, Fernando (org.). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, 193 pp.

“Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder a questão fundamental da filosofia”. A acreditar na frase de Camus, pensar o suicídio é tarefa que antecede todas as outras, e por esta frase, retirado do *O mito de Sísifo*, que Fernando Rey Puente abre seu livro sobre as relações e reflexões dos filósofos quanto ao problema da morte. Com produção predominantemente centralizada em Filosofia Antiga, o professor da UFMG organiza uma obra – fruto de uma disciplina ministrada no segundo semestre do ano de 2006 – cujo mérito é o de fazer a recolha e estudo deste tema em coletânea de textos de vários filósofos.

É uma valiosa introdução de Rey Puente, de 52 páginas, que parte de algumas considerações sobre a genealogia do termo, e avança pelos períodos da História da Filosofia. Já no início, o autor pontua a relação do suicídio com o homicídio, cuja origem parece remontar a Santo Agostinho, que associa explicitamente a proibição do suicídio com a interdição do mandamento divino “Não matarás”. Desse modo, a própria evocação do problema já se insere no questionamento pela morte de si num quadro

não unívoco, e embora houvesse opositores ao suicídio como ação legítima na Antiguidade, o verniz pejorativo dado por uma palavra intimamente relacionada com o assassinato é digno de notar-se.

Como aponta Rey Puente, não se trata simplesmente de uma questão vocabular mas de um horizonte teórico e valorativo fundamental para a apresentação do suicídio como problemática filosófica. A fim de exibir a equivocidade histórica e filosófica sobre o tema, basta lembrar que na tradição judaica, cujo pensamento é matricial para o do cristianismo, o suicídio não era visto como agressão a Deus (como argumentará, por exemplo, Santo Tomás de Aquino), mas pode estar inserido em um contexto justificável e até louvável, como ato heróico, conforme diz o historiador judeu Flávio Josefo, ao narrar a história da resistência de Eleazar contra os romanos, que incita seus comandados ao suicídio.

Essa primeira parte é concisa, e em se tratando de uma abordagem cronológica que pretende dar conta dos desdobramentos do conceito desde a Antiguidade até a chamada pós-modernidade, o texto de Rey Puente estabelece com sucesso as bases históricas para um estudo posterior

mais aprofundado. A bibliografia utilizada pelo organizador na introdução também é vasta, e está listada ao final do texto.

A segunda parte do livro é composta por uma antologia de textos de filósofos selecionados sobre o tema. Além das traduções de excertos de Plotino, São Tomás de Aquino, Schopenhauer, Philip Mainländer, feitas pelo próprio organizador, o livro contém ainda excertos de Platão (traduzido por Marcelo Marques), Sêneca (Sandra Bianchet), Montaigne (Emília de Moraes e Fernando Rey Puente), Hume (Lívia Guimarães) e Rousseau (Leonardo M. Ribeiro). Por fim, há ainda a transcrição de um artigo do filósofo brasileiro Raimundo de Farias Brito.

Os textos compilados nessa segunda seção auxiliam não somente na investigação e análise dos diversos argumentos, mas na compreensão da miríade de seus aspectos, bem como de seus problemas correlatos. A reflexão sobre o assassinio de si carrega não só a argumentação referente à justificação ou à recusa do ato, mas deve, necessariamente, trazer à tona questionamentos valorativos e relações com outras instâncias, como mostram excertos das *Leis* (Platão) e da *Suma de Teologia* (Santo Tomás), que tratam não somente de elaborar juízos etiológicos sobre o suicídio, mas introduzem a consideração da questão num quadro mais amplo

que é o da *pólis* ou da *communitas*, respectivamente. Já os trechos de *Do suicídio* (Hume), dos *Ensaio*s (Montaigne) e de *A nova Heloísa* (texto de Rousseau que influenciaria a redação de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe), potencializam a sensação do fardo do existir frente às experiências radicais de sofrimento e vacuidade da espera diante de uma morte dolorosa. Mesmo um dos mais recorrentes pressupostos dos argumentos contrários ao suicídio, que parece repousar ao abrigo das críticas, de que a morte de si constitui ofensa a Deus ou aos deuses, é posta em cheque nos trechos de *Parerga e Paralipomena* (Schopenhauer). Desse modo, tais passagens fazem surgir os vários matizes do problema.

Como o próprio organizador admite na introdução, a antologia sofre de algumas ausências importantes por questões de direitos autorais, como Albert Camus, Paul Ludwig Landsberg e Emil Cioran, ausências admitidas e minimizadas em colocações introdutórias pelo autor (ainda que, em certos casos, ele assim faça de maneira um tanto rápida demais e com poucos autores, dada a relevância do assunto). Assim mesmo, vale a pena lê-lo para começar a pensar em profundidade um tema profundo.

Gabriel Ferreira

Mestrando – PUC-SP

gabriel@gabrielferreira.com.br